



Deepfakenews



RUI PEDRO OLIVEIRA
Gestor
rpo@imaginew.pt

O *smartphone* é possivelmente o objeto mais viciante já produzido. 4,000,000,000 (números para evitar questões se é o bi português ou o bi americano) de pessoas que têm pelo menos um e por mais de 200 vezes o tiram do bolso por dia.

Nenhum fumador fuma mais que 200 cigarros, ou algum alcoólico bebe mais que 200 cervejas por dia. Se o faz, desde que escrevi estas linhas até ser editado, provavelmente já não o lerá.

É através deste indispensável aparelho que falamos com as pessoas à distância, mas diria que “o falar com alguém” pelo *smartphone* não deve estar no top 10 do uso que damos ao mesmo.

Recebemos, em média, 64 notificações de aplicações por dia. Sejam elas noticiosas, sejam elas de *apps* que está provado provocarem emoções negativas após 10 a 30 minutos diários, umas que controlam o nosso descanso, outras ajudam a atingir o auge em meditação, há para tudo. Já poderemos em breve usar uma *app* (em desenvolvimento Eterni.me) para falar com mortos que deixam uma série de histórias contadas, e podemos perguntar por exemplo. “- Avô, diz-me como foi a primeira vez que foste ao futebol?” Sem ter essa gravação é fácil fazer o algoritmo para tal, envie por texto ou por voz para a *app* que alguém sintetizará a voz do seu avô até o utilizador achar estar próximo do que era real, e usar a *app* sempre que sinta saudades da voz do seu saudoso familiar.

Julgo termos aqui o tónico para entrarmos no tema propriamente dito. As “*deepfake-news*”.

Antigamente alguém colocava a rolar um boato numa rede social, e facilmente muitos acreditavam. Em quantos anos diferentes faleceu o Grande Vasco Granja, entre muitas outras chamadas “*fakenews*” alimentadas por mentiras que se tornaram virais, com variados intuitos, geralmente para denegrir alguém, muitas vezes por pura in-

genuidade, outras com carácter político ou judicial. São estas mesmas que nos chegam cada vez mais e monitorizadas ao “*target*” certo. Ao nosso *smartphone*, claro está, a nós próprios.

Se antigamente o “diz que disse” chegava, principalmente a quem facilmente empre-nha de ouvidos, hoje já não é suficiente.

Se recorrer a uma aplicação chamada DeepFaceLab, com vários tutoriais na *internet*, pode facilmente com uma fotografia sua e de outra pessoa qualquer fazer um vídeo seu, com as expressões e o tom de voz da pessoa que por quem se quer passar, pode ser um amigo ou uma celebridade. Um ví-

viciados em tirar o *smartphone* do bolso as tais 200 vezes por dia.

A informação e a contrainformação não é um registo dos nossos dias. A História está repleta disso. O nosso país começou com “O Conquistador” a bater na mãe, mas historiadores referem que afinal Teresa de Leão, esposa de Henrique de Borgonha, provavelmente não seria a mãe do nosso primeiro Rei, aliás passados mais de 900 anos da morte de D. Afonso Henriques a vida dele continua cheia de mitos e mistérios por esclarecer. Há quem leccione em Espanha que a batalha de Aljubarrota não foi ganha por nós, mas esta é a História que aprendemos

Real



deo claramente manipulado e que funciona em “*open source*” gratuito e que só com algum conhecimento da matéria se consegue detetar ser falso.

Imagine agora plataformas profissionais, agências de comunicação de alto alcance, governos e outros que têm acesso a todo o topo dessa tecnologia, o que podem fazer na perfeição para descredibilizar alguém em poucos segundos.

Se antigamente dizíamos “ver para crer”, claramente lembre-se que o que lê pouco importa, o que ouvia sempre pouco importou (se não fosse o próprio), hoje pense que mesmo quando ouve a voz e a conhece, e vê um vídeo e reconhece a pessoa em causa, pense sempre se será a própria ou não.

Estas são algumas das situações em que as notícias, independentemente da fonte, vêm ter connosco e nos leva a ser uns autênticos

DeepFake



na escola desde pequenos e que há poucos registos da veracidade de quem tem a razão do seu lado. Se aparecer um vídeo na *internet* com o próprio D. Afonso Henriques a dizer que realmente bateu na mãe e deu origem ao Condado Portucalense, duvide e não partilhe, apesar de parecer muito culto na “sua sociedade”, perdoe-me a expressão, caro leitor, se passou por isto, mentecapto. Já Abraham Lincoln, 15º Presidente dos EUA, publicou há anos: “Não acredite em tudo que lê ou vê na *Internet* ou nas redes sociais”. Talvez por ser tão visionário, foi assassinado em Washington a 15 de Abril de 1865.

Touché, President Lincoln.

PS: Original photo credits: When a computer puts Nicolas Cage’s face on Elon Musk’s head. Siwei Lyu CC BY-ND. ■